

Evento: XX Jornada de Extensão

ENTRE OS IDEAIS E A REALIDADE: PERCEPÇÕES DE UM PIBIDIANO NA ESCOLA¹
BETWEEN IDEAL AND REALITY: PERCEPTIONS OF A PIBIDIAN IN SCHOOL

Eloísa De Souza Borkenhagen Bohrer², Alex Soares Da Rosa³

¹ Produção vinculada ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) - UNIJUI

² Professora no curso de graduação em Educação Física- UNIJUI e coordenadora do Subprojeto de Educação Física do PIBID/UNIJUI

³ Aluno do curso de Educação Física - UNIJUI e Bolsista PIBID/UNIJUI

INTRODUÇÃO

O quê ensinar às crianças na Educação Física escolar (EDF) do século XXI? De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) e a Base Nacional Comum Curricular (2018), a tematização da Cultura Corporal de Movimento (esportes, ginástica, dança, lutas, práticas corporais junto a natureza) deveria ser o pressuposto norteador da organização do ensino. Mas qual vem sendo a realidade vivenciada pelos alunos? Uma breve revisão teórica sobre o problema proposto nos permite antecipar que o sentido da escola em nossa sociedade mudou circunstancialmente, fazendo entender que, conseqüentemente, o quê, por que e como ensinar também. Logo, pensar estes aspectos relacionados a uma disciplina como a EDF que historicamente ocupou um lugar secundário no processo de formação dos sujeitos, que teve apenas no ano de 1996 com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (nº 9.394/96) reconhecida sua condição de disciplina escolar entrelaçada a proposta pedagógica da escola, remete a uma complexidade maior ainda). Entre os desafios a serem vencidos temos o de construir os fundamentos identitários desta área do conhecimento para além de atividades de lazer e “puro” divertimento.

Sendo assim, inspirados pelo texto de Dayrell (1996) aproximamos a problemática sobre os sentidos da escola na visão dos diferentes sujeitos que a constituem e elaboramos uma investigação junto a alunos de uma escola pública do município de Ijuí/RS vinculada ao PIBID/UNIJUI com o objetivo de identificar o que tem significado o processo de compreensão da função e dos conhecimentos destes sujeitos em relação a disciplina de EDF. Entendemos que assim, seria possível planejar ações que possam auxiliar a construção de um contexto “ideal” para esta disciplina nesta escola.

METODOLOGIA

A fundamentação metodológica deste estudo guia-se pelo uso da abordagem qualitativa e na tentativa de contemplar os objetivos do estudo optou-se em realizar um estudo de caso a respeito do qual Gil (1999, p. 72) revela ser caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de

Evento: XX Jornada de Extensão

poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados. Esta pesquisa teve como campo de estudo uma escola pública participante do PIBID/UNIJUI. Com a autorização da direção da escola foi proposto um questionário a um grupo de 16 alunos sendo destes 10 meninos e 6 meninas em uma faixa etária flutuante entre os 11 e 13 anos, relacionado a função da EDF na escola e a práticas corporais vivenciadas nela. Para análise das informações foi utilizado à técnica da triangulação dos dados (GIL, 1999) e a análise de conteúdo. Além do questionário realizou-se a observação de aulas de EDF desenvolvidas com a referida turma de março a julho de 2019.

RESULTADOS

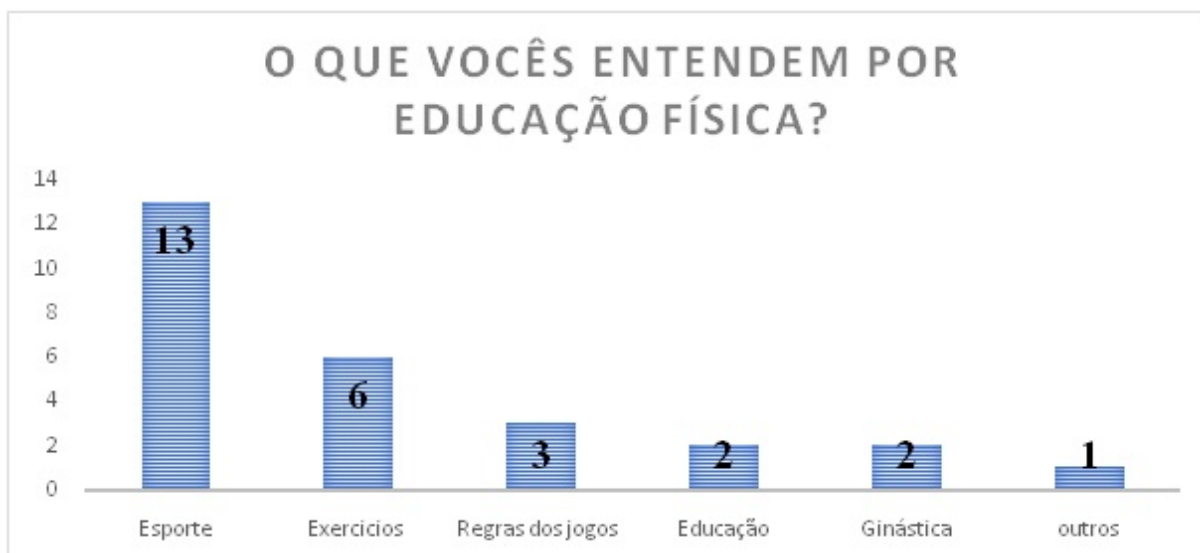
O questionário proposto aos alunos mostrou resultados inusitados. O primeiro que destacamos é o de que, em uma turma majoritariamente masculina muitas meninas afirmaram gostar de esportes de contato (aspecto facilmente relacionado as preferências masculinas). Um segundo aspecto que destacamos é de que o esporte que mais agrada aos alunos é o futsal (nada de inédito nisso) ao passo que também é o mais “odiado” (no gráfico 1 tem-se a amostragem mais exata das práticas escolhidas pelos alunos). Porém, antes deve ser considerado o fato de que as meninas em sua maioria extrema não gostam de futsal, porém em unanimidade afirmam gostar de lutas. No mesmo gráfico vale ressaltar que os alunos escolheram um número aleatório de esportes, pois não conseguiam elencar somente uma prática como favorita, fato este bastante interessante quando aproximamos esta evidência daquela que está no topo das críticas a disciplina: a falta de diversidade nas práticas corporais propostas (ver gráfico 2). Isso sugere pensarmos que alguém está ensinando por ela (as mídias, provavelmente).



Definir a função da EDF na escola é uma tarefa bastante complexa, visto a dimensão conceitual

Evento: XX Jornada de Extensão

que a ela pode ser relacionada. Para os alunos investigados ela está relacionada aos conhecimentos corporais e as atividades com movimento, o que não deixa de ser uma interpretação correta, apesar de restrita conceitualmente falando. A grande maioria dos alunos relaciona o ensino da EDF as práticas esportivas, somadas ao aprendizado de regras de jogo e ginástica (sinônimo de exercício físico para eles). Tais evidências não surpreendem pelo fato destes aspectos historicamente terem significado o sentido e a função da EDF escolar (os esportes como principal conteúdo e a exercitação do corpo como meio de melhorar a saúde). Os dados analisados se encontram no gráfico 2, abaixo:



Além do questionário, as aulas da turma também foram observadas. Os conteúdos das aulas foram ao encontro do proposto pelo currículo escolar. Cabe ressaltar três aspectos característicos observados: 1) os alunos estão acostumados com uma rotina na aula; 2) a professora possui um plano de aula e tem um cronograma que prevê práticas corporais variadas que não são concretizadas; 3) os alunos são bastante resistentes a propostas de atividades diversificadas. Ao reunir esses pontos cruciais observados nota-se uma falta de variabilidade nas aulas visto que os alunos se adaptaram a alongar, aquecer e jogar, o que explica em partes a resistência a experiências corporais novas. O professor tenta modificar, mas o primeiro instinto deles é reagir negativamente e a do professor ceder. Assim, cria-se uma espécie de círculo vicioso, no qual o professor evita o enfrentamento com os alunos fazendo disto uma justificativa para naturalizar a rotina. O não querer dos alunos justifica-se no não conhecer e é aí que entendemos o papel do professor como fundamental.

O princípio do prazer imediato, do entretenimento e a fuga do enfadonho espaço da sala de aula ainda povoa o imaginário dos alunos sobre o que a EDF “deve ser”. Este talvez seja um dos principais enfrentamentos que os professores de EDF deveriam assumir. Por que o livre arbítrio na escolha pelo que “aprender” é desconsiderado na disciplina de matemática, por exemplo e na EDF

Evento: XX Jornada de Extensão

não? Entendemos que o aluno pode ser conclamado a decidir entre as opções que o professor julgar procedentes, pois é ele o especialista no assunto. E como afirma Fensterseifer (2013) o prazer não resume o real sentido de uma “boa” aula. Tendo isto em mente acreditamos que falta nas aulas desta turma esse enfrentamento, esse basta! Isto se alicerça numa aposta em longo prazo que deve produzir um convencimento coletivo acerca das possibilidades que a EDF pode oferecer ao processo de formação dos sujeitos.

O fato de que para os alunos a EDF se resume ao ensino dos esportes é uma evidência de certa forma universal se olharmos para a história da EDF no BR “[...] onde, no senso comum, pode ser plenamente possível confundir EDF escolar com prática esportiva, como ficou constatado, por exemplo, numa pesquisa recente com gestores escolares das redes de educação pública do município de Ijuí (GONZALEZ; FENSTERSEIFER apud GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER; LEMOS, 2009, p. 10). O problema desta constatação é que o processo citado conhecido como a esportivização fora posto em cheque já na década de 1980 pelo chamado Movimento Renovador que sugeriu pensar a EDF de uma forma mais alargada instaurando a discussão da Cultura Corporal de Movimento como objeto de conhecimento da área e não mais somente o esporte (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009). Através destes dados percebemos que a função ideal atrelada a disciplina de EDF segundo o contexto investigado está longe de ser encontrada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste processo de investigação destacamos de forma especial a compreensão de novas perspectivas referentes a instituição escola. Passamos a entender de forma mais clara o que Dayrell (1996) quis dizer quando afirmou ser a escola um espaço sócio-cultural no qual implica o resgate do papel dos sujeitos na trama social que a constitui, enquanto instituição. Assim, compreender o que pensam, sentem, projetam os jovens sobre si, sobre a escola, sobre a EDF é fundamental para que uma nova perspectiva de ensino seja vislumbrada e esta é a evidência mais marcante que a experiência de investigação permitiu perceber. A condição de bolsista e acima de tudo estudante, permite começar a ver a escola com outros olhos, criar um olhar que antevê os desafios, entender que ser professor presume uma tarefa complexa, mas decisiva no que tange a legitimação da EDF escolar.

Entendemos que o processo de formação inicial de licenciados deve cada vez mais permitir que a realidade do contexto profissional possa ser experienciada e problematizada à luz da teoria que fundamenta tal processo a fim de que a complexidade que se percebe concernente a função de professor permita a construção de saberes docentes capazes de criar condições de ensino relevantes considerando a dimensão cultural que nos encharca. Como destaca Fensterseifer (2013) educar é fazer enfrentamentos, se tornar supérfluo, mas acima de tudo é nunca perder a esperança.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Escola; Alunos

REFERÊNCIAS

Evento: XX Jornada de Extensão

DAYRELL, J. A Escola como Espaço Sócio-Cultural. In: DAYRELL, J. (org.): Múltiplos Olhares: Sobre educação e cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5ª: ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GONZÁLEZ, Fernando.; FENSTERSEIFER, Paulo, E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE) – Cadernos de Formação RBCE, v. 1, n. 1, p. 9-24, set. 2009.

GONZÁLEZ, Fernando.; FENSTERSEIFER, Paulo, E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: Pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. Colégio Brasileiro de Ciência do Esporte (CBCE) – Cadernos de Formação RBCE, v. 1, n. 2, p. 10-21, mar. 2010.

GONZÁLEZ, Fernando.; FENSTERSEIFER, Paulo, E. Desafios da legitimação da Educação Física na escola Republicana. Revista de Educação, Dourados, MS, v. 1, n. 2, p. 33-42, jul. – dez. 2010.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. SER PROFESSOR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO. Revista do Seminário de Educação de Cruz Alta - RS, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 18-19, dec. 2013. ISSN 2595-1386. Disponível em: . Acesso em: 17 julho 2019.